

**Algumas formulações de D. W. Winnicott sobre as  
“tendências antissociais”**

**Universidade Federal de Minas Gerais  
Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas  
Curso de especialização em Teoria Da Psicanálise**

Orientadora: Maria Teresa de Melo Carvalho

Orientando: José Maurício Iglésias da Silva

Outubro de 2011

## RESUMO:

Busquei neste trabalho trazer algumas formulações de Winnicott sobre a delinquência e as tendências antissociais. Winnicott se utiliza de conceitos da obra de Melanie Klein, principalmente de suas formulações sobre a *posição depressiva*. Para Winnicott a passagem pela posição depressiva dará ao ser humano a possibilidade de se envolver em relacionamentos pessoais, ser produtivo na vida social e ter uma vida “real” e criativa. Privações, no início da posição depressiva, podem acarretar tendências antissociais. Winnicott confirma e enriquece as conclusões de John Bowlby de que a delinquência está associada a uma privação muito séria nos primeiros anos da vida da criança. Winnicott viu nas atitudes antissociais um pedido de ajuda e um sinal de esperança.

## INTRODUÇÃO:

Em meu trabalho atual, na área social na Prefeitura de Belo Horizonte, acompanho crianças e adolescentes de famílias que receberam medidas protetivas devido à situação de vulnerabilidade social. As medidas de proteção são expedidas pelos Conselhos Tutelares ou pela Vara da Infância e Adolescência. Na maioria dos casos é a escola quem dá o sinal: o aluno perturba as aulas, não para quieto, agride os colegas e até as professoras. Também as mães buscam ajuda nos Conselhos Tutelares, pois não sabem o que fazer: “O filho não obedece, bater não resolve (muitas confessam que batem), o menino não quer frequentar escola, anda com um grupo de maus elementos (a culpa é sempre desses maus elementos que desviam o filho do caminho), está usando drogas, mente muito e anda furtando. Alguns já foram apreendidos pela polícia e tiveram passagem pelo Centro de Atendimento ao Adolescente autor de Ato Infracional.

A grande maioria dos adolescentes que eu atendo sofreram privações severas quando eram muito novos. Um caso ilustrativo para o tema do trabalho é de uma mãe que voltou a usar drogas e deixou os filhos com o pai. Um dos filhos, na época com três anos, foi descrito pelo pai como um garoto amuado, sem iniciativa, que “faz sempre papel de vítima, tem medo de me pedir as coisa e fala tudo errado, mal sabe formular uma ideia”. O pai contou que o filho, hoje com quatorze

anos, há dois anos, roubou uma caixa de lápis de cor em um supermercado. O pai deu-lhe uma surra e mandou que ele devolvesse os lápis. No mesmo dia comprou pro filho a mesma caixa de lápis de cor. Naquele dia ele dormiu segurando a caixa. No Programa Miguilim criado pela prefeitura de Belo Horizonte para acompanhar crianças e adolescentes com trajetória de vida nas ruas, tive contato com jovens que apresentavam os mesmos comportamentos que D. W. Winnicott definiu como característicos das tendências antissociais: o furto, a mentira e a destrutividade. As formulações de Winnicott sobre as tendências antissociais foram, para mim, fundamentais para trabalhar com crianças e adolescentes com trajetórias de vida nas ruas. Ele compreende as atitudes antissociais como sinal de que sobrevive nestas crianças e adolescentes uma espécie de busca ativa para reencontrar algo de que foram privados e que estas privações criaram enormes dificuldades que os impediram de confiar nos outros e em si mesmos.

#### PRIVAÇÃO:

O artigo "A Tendência Antissocial" foi lido por Winnicott, diante da Sociedade Britânica de Psicanálise, em 1956. Sua tese central é de que a tendência antissocial é uma tentativa de refazer algo que foi prejudicado por um excesso de privação numa época determinada do desenvolvimento emocional da criança. "Houve uma verdadeira privação (não uma privação simples), isto é, houve a perda de algo bom que havia sido positivo na experiência da criança até uma determinada data, e que lhe foi retirado: esta retirada se estendeu por um período de tempo maior do que aquele durante o qual a criança consegue manter viva a recordação da experiência" 1.

1 Winnicott, D.W. Privação e Delinquência, pág. 139

Winnicott especifica tipos de privações: "tanto a inicial quanto a tardia, tanto o trauma diminuto quanto a condição traumática que se manteve, e também tanto a quase normal quanto o claramente anormal"<sup>2</sup>. Winnicott fala da íntima relação entre o conceito kleiniano da "posição depressiva", e a ênfase dada por John Bowlby à privação. Também faz referência a Bowlby para realçar a importância da idade da criança na época da privação. Winnicott, John Bowlby e Emanuel Miller

escreveram, no início da Segunda Guerra Mundial, uma carta ao Jornal Britânico de Medicina alertando para o perigo que a evacuação de crianças das grandes cidades que começavam a ser bombardeadas pelos nazistas, representava para elas. Um estudo feito por John Bowlby, antes da guerra, com 150 crianças com vários problemas, mostrou o vínculo direto entre o roubo e a privação das referências familiares, em particular se a criança é separada de sua família nos primeiros anos de vida. A carta é de dezembro de 1939: “Se estas opiniões estão corretas, segue-se que a evacuação de crianças pequenas sem suas mães pode conduzir a distúrbio psicológico sério e de amplo alcance. Por exemplo, pode levar a um grande aumento da delinquência juvenil na próxima década”.<sup>3</sup>

A criança, diante de uma privação excessiva, sentirá desprazer por mais tempo do que suas defesas são capazes de tolerar. Isto não dará a ela condições de preservar o ambiente confiável e bom que começou a ser introjetado. Perdendo confiança nos cuidados que o ambiente oferece, este perde o poder de se tornar referência para a criança cuidar de si mesma.

#### TENDÊNCIA ANTISOCIAL E DELINQUÊNCIA:

Embora Winnicott afirme que a tendência antissocial implique esperança e um prognóstico favorável, ele faz uma distinção entre a tendência antissocial e a delinquência. Chama a delinquência de uma “defesa social organizada e sobrecarregada de ganho secundário e reações sociais que tornam difícil para o investigador chegar até o seu núcleo” <sup>4</sup>.

<sup>2</sup> Winnicott, D.W. Privação e Delinquência, pág. 139

<sup>3</sup> Winnicott, D.W. Privação e Delinquência, pag. 10

<sup>4</sup> Winnicott, D.W. Privação e Delinquência, pág. 135

Já a tendência antissocial pode ser uma reação normal de toda criança no período em que vai adquirindo a percepção do eu/não-eu. A avidez e o excesso de voracidade apontam um complexo de privação. “Em outras palavras, se o bebê é ávido, existe certo grau de privação e alguma compulsão para buscar uma terapia para essa privação através do meio ambiente” <sup>5</sup>.

A delinquência é a tendência antissocial que com o tempo foi se consolidando. O ambiente, diante dos primeiros sinais de que a criança sofreu ou sofre privações, não oferece os cuidados adequados que ela necessita. As atitudes antissociais vão se repetindo e a família reage àquelas amolações com impaciência, agressividade, sentimentalismo ou indiferença. Nada vai de encontro às necessidades da criança. É comum escutar dos pais que eles dão tudo o que a criança precisa, que não sabem o que os filhos querem. Os reclames e reivindicações imperiosas da criança, suas primeiras manifestações antissociais, não encontrando respostas adequadas do meio ambiente familiar, buscam-nas nos ambientes fora da família, na escola, na vizinhança e na sociedade como um todo. As atitudes antissociais, os reclames, não se limitam mais à esfera familiar. Dos braços da mãe aos cuidados do estado, passando pela família estendida e pela escola. Se um aspecto importante do lar deixa de funcionar, a criança pode receber assistência e proteção do estado. Se possível será encontrado um lar substituto. Caso todas essas medidas fracassem, o jovem adulto será considerado um bandido e remetido pelos tribunais para a prisão <sup>6</sup>. A diferença entre a tendência antissocial e a delinquência está no grau e duração da privação, na proximidade da privação com as medidas terapêuticas adotadas pelo ambiente, na gravidade e reincidência das atitudes antissociais. Algumas atitudes antissociais se consolidam sem alcançar a gravidade atribuída à delinquência. Winnicott fala dos adultos que têm a compulsão de sair e comprar alguma coisa e os que gostam de sair sem objetivo, a vadiagem.

<sup>5</sup> Winnicott, D.W. Privação e Delinquência, pág. 143

<sup>6</sup> Winnicott, D.W. Privação e Delinquência, pág. 138

## CARACTERÍSTICAS DO MOMENTO DO APARECIMENTO DAS TENDÊNCIAS ANTISSOCIAIS:

É no início da posição depressiva, quando a criança já reconhece uma delimitação entre o eu e o não-eu e começa a perceber a mãe como um objeto total, aumentando sua capacidade de tolerar estados transitórios de privação, que a

severidade desta poderá resultar em atitudes antissociais. Nessa fase a criança tem de conviver com crescentes frustrações. Ela começa a sentir que o mundo, a mãe, não é só criação dela. Querer o seio não faz com que ele apareça imediatamente. Aos pouco a criança vai convivendo com frustrações e esperas. A passagem do tempo começa a existir. Para isso ela guarda a lembrança dessa mãe boa, desse seio bom, que a ajuda esperar cada vez mais, na medida em que consegue manter a expectativa de que ele retorne. E retorna sempre acrescido de mais detalhes, de novos sons, movimentos e expressões da mãe. Tudo isso vai fazendo parte das lembranças. E também ele, bebê, já está mais firme, já tem um pouco mais de destreza para segurar e explorar com as mãos, com o olhar e a audição o ambiente que está próximo dele. Não só o ambiente externo, mas o interno também vai se expandindo. Algo muito bom está acontecendo, mas o bebê também pode ficar mais excitado e temeroso. Está demorando demais e ele sente medo de que possa não retornar. Junto com o medo, sente raiva. O desprazer vai aumentando e a mãe/seio/ambiente já não 'é' tão bom assim. Esse desespero despedaça tudo, as lembranças boas esvanecem, vem um impulso de destruir, morder, empurrar, apertar e, quando o objeto reaparece, a vontade de guardá-lo todo dentro, esvaziar tudo que existe fora. Quando a mãe volta a acolher, os cheiros retornam, o olhar, a voz... A criança agitada vai se sentindo segura e recriando tudo de novo. Os momentos de falta e de espera já podem se prolongar, pois, para o bebê, cada vez mais certas e confiáveis se tornam as lembranças e as experiências de um ambiente razoavelmente bom. Com elas já se tem segurança de esperar e explorar o ambiente sozinho. O bebê internalizou objetos bons e, se tudo correr bem, poderá exercitar sua ilusão de controlar o ambiente através de um objeto externo inanimado o qual possa ter acesso quando quiser. Um bichinho de pelúcia, um travesseiro, uma coberta, algo fora dele que ocupe essa posição entre o objetivo e o subjetivo. Um objeto de transição em uma fase de transição: de objetos parciais, pulsões parciais e completa descontinuidade e fragmentação, para um mundo mais ordenado, continuado, e um objeto não-eu que existe por si, não mais partes soltas, pedaços para se colocar para fora ou para dentro. O seio se torna total, a mãe é total e, além de totais, não obedecem a todas as vontades do bebê. Esses objetos bons já começaram a se formar, mas ainda não estão bem consolidados. Existe um processo longo a percorrer que a privação excessiva interrompe.

A criança que rouba percebe esse objeto bom fora de si, no ambiente externo, mas ainda não alcançou os objetos transicionais que dariam mais recursos para ela lidar com a privação da mãe. Nas palavras de Winnicott: “Gradativamente, a separação entre o não-eu e o eu se efetua, e o ritmo dela varia de acordo com o bebê e o ambiente. As modificações principais realizam-se quanto à separação da mãe como aspecto ambiental objetivamente percebido”<sup>7</sup>. A criança conheceu o bom objeto fora do eu, mas ainda convive com fantasias de um momento anterior, antes do reconhecimento do outro como objeto total fora do eu. O mais importante para nosso tema é que, nessa fase anterior que Melanie Klein chamou de posição esquizoparanóide, as fantasias destrutivas são muito fortes. Quando a criança começa a perceber que a pessoa que frustra é a mesma que cuida dela, vai ter muito medo de tê-la destruído. Se a privação for muito severa, a criança sente que suas fantasias destrutivas podem ter destruído esse objeto bom. Diante disso a criança lidará com uma ansiedade muito mais forte do que consegue manejar. As únicas defesas, para não sucumbir, são relativas a essa posição anterior. A criança começa a viver a posição depressiva, mas terá de recuar e utilizar defesas de quando a ansiedade surgia de fantasias persecutórias. Dois tipos de ansiedade coexistem, a persecutória e a depressiva ligada à culpa de ter destruído o objeto de amor.

Winnicott estabelece o seguinte padrão, na sua hipótese sobre o desenvolvimento e a função da tendência antissocial:

- (a) As coisas corriam bastante bem para a criança;
- (b) Alguma coisa perturbou a situação;
- (c) A criança foi exigida além de sua capacidade (as defesas do ego desmoronaram);
- (d) A criança reorganizou-se com base em um novo modelo de defesa do ego, inferior em qualidade;

<sup>7</sup> Winnicott, D.W. O Brincar e a Realidade, pag. 153

(e) A criança começa a ter esperanças de novo e realiza atos antissociais na esperança de compelir a sociedade a retroceder com ela para a posição em que as coisas deram errado, e a reconhecer esse fato;

(f) Se isso for feito (seja por um período de complacência ou diretamente numa entrevista psiquiátrica), então a criança pode retornar ao período que antecedeu o momento da privação e redescobrir o objeto bom e o bom ambiente humano controlador que, por existir originalmente, tornou-a capaz de experimentar impulsos, inclusive os destrutivos.<sup>8</sup>

Para melhor sustentar sua hipótese, Winnicott realça a importância da inversão feita por Freud ao dizer que a culpa não surge do crime. O crime é que é motivado pela culpa. Diante da intenção inconsciente de destruir o objeto de amor, a ansiedade causada pelo sentimento de culpa, também inconsciente, provoca tal grau de desespero que é melhor cometer um crime, ser culpado e castigado, do que vivenciar tal ansiedade. Isto suaviza a ansiedade, mas ela retornará. É comum acompanhar adolescentes que foram acautelados diversas vezes seguidas. Cometem seus delitos de formas tão escancaradas que é como se pedissem para ser presos.

<sup>8</sup> Winnicott, Privação e Delinquência, pag. 124

Existem duas direções na tendência antissocial: uma é representada pelo roubo e a outra pela destrutividade, a busca do objeto e a destruição. Em alguns casos uma delas pode ser mais forte que a outra. Winnicott associa o roubo à compulsão libidinal e a destrutividade à compulsão agressiva

## 1 - ROUBO:

Winnicott deu ênfase, nesse processo, ao fato de o menino que sente culpa e rouba, busca, no objeto roubado, reencontrar o objeto bom que se perdeu. Ele não desistiu e procura recapturar algo bom que já teve e uma privação excessiva destruiu. Se ele achar que só ele destruiu, se ele ainda não desenvolveu a separação entre o eu e o não-eu, as consequências serão outras, relacionadas às psicoses. No caso das tendências antissociais, a criança percebe que esse algo bom vinha de fora, do ambiente, daí provocar toda uma amolação para o ambiente se ocupar dela. “A tendência antissocial caracteriza-se por um elemento nela que compele o meio ambiente a ser importante”<sup>9</sup>. O garoto da caixa de lápis de cor citado acima procurava recuperar o objeto bom que ele um dia chegou a possuir dentro de si como um objeto internalizado e que uma privação severa não permitiu que continuasse existindo. Nesse sentido, a caixa representa o objeto bom e o roubo tem um componente de esperança, um sinal de que o menino ainda espera reencontrar no ambiente algo que, faltando, lhe tira o direito de pertencer àquele mesmo ambiente/sociedade. A privação que sofreu um dia tirou dele o direito de participar das trocas que se estabelecem entre seus iguais, tal como reconhecemos nessa passagem de Lacan: “Reencontramos, pois, as fórmulas límpidas que a morte de Mauss traz de novo à luz de nossa atenção: as estruturas da sociedade são simbólicas; o indivíduo, na medida em que é normal, serve-se delas em condutas reais; na medida em que é psicopata, exprime-as por condutas simbólicas”.<sup>10</sup>

<sup>9</sup> Winnicott, Privação e Delinquência, pag.139

<sup>10</sup> Lacan, Jaques, Escritos, pag. 134

Para Winnicott, a criança vai atrás do objeto, mas na verdade está procurando a mãe, pois se sente no direito sobre ela. Do ponto de vista do bebê, foi ele quem a

criou. A mãe propiciou a criatividade primária ao bebê. Deu a ele a ilusão de tê-la criado. Para o bebê foi ele quem criou todas as sensações que a mãe o fez sentir, foi ele quem criou o sorriso, a expressão do rosto da mãe que é ele próprio. Por outro lado, a mãe olha “para o bebê e aquilo com o que ela se parece se acha relacionado com o que ela vê ali”.<sup>11</sup> Se o bebê olha e não se vê a si mesmo, se a mãe reflete apenas seu próprio humor ou a rigidez de suas próprias defesas, o bebê não se vê ali. Para Winnicott, se o bebê tiver uma experiência muito longa de não receber de volta o que ele está dando, sua capacidade criativa começa a atrofiar e o bebê não se sente real, não se sente existir. Sentir-se real é mais do que existir. Para Winnicott está aí a base da criatividade humana. Quando ele afirma que quando o bebê olha para a mãe aquilo que ele vê é ele mesmo, está se referindo a uma mãe razoavelmente boa que se adapta às manifestações do bebê e não permite que aspectos dissociados de sua personalidade interfira demais. Sendo assim, o bebê se desenvolve naturalmente. Quando algo sai errado é que a interferência de pulsões inconscientes da mãe, que são partes desintegradas da sua personalidade, estão privando a criança de se ver na mãe/espelho.<sup>12</sup>

Winnicott se refere a uma mãe suficientemente boa que não deixa que seus problemas interfiram em seus cuidados com o filho, um tipo de manejo desprovido de projeções, conferindo a ele pouca interferência do inconsciente da mãe. No outro extremo encontraremos um tipo de relação onde atitudes compulsivas inconscientes levam a mãe/ambiente a prejudicar o desenvolvimento do filho.

Para Winnicott <sup>(13)</sup> usar o objeto se distingue de se relacionar com o objeto, pois usá-lo significa que este não é visto mais através de projeções e que estas são de natureza subjetivas. Usar o objeto implica reconhecê-lo como fenômeno externo, fora da área de controle onipotente do sujeito <sup>(14)</sup>. Para usar o objeto é necessário destruí-lo, colocá-lo para fora dessa área de controle onipotente. As projeções “auxiliam no ato de notar o que está ali, mas não constituem o motivo pelo qual o objeto está ali”<sup>(15)</sup>. O estágio de usar o objeto ocorre depois daquele onde existe uma relação de objeto através de projeções. Para alcançá-lo é preciso que uma mãe suficientemente boa conviva com as investidas agressivas do filho, que este experimente suas fantasias destrutivas (experiências de destrutividade máxima) e ela permaneça, não seja destruída, não retalie. Daí a criança poderá dizer que a mãe está fora, no mundo, que ele a destruiu e por isso a ama “Eu te destruí, eu te amo. Tua sobrevivência à destruição que te fiz sofrer confere valor à tua

existência, para mim. Enquanto estou te amando, estou permanentemente te destruindo na fantasia (inconsciente)”<sup>(16)</sup>. Para o psicanalista não retaliar, não reagir à destrutividade do paciente e, da mesma forma que a mãe suficientemente boa, permanecer íntegro, não deve haver demasiadas pulsões desfusionadas que criem defesas compulsivas e cubram o paciente de projeções. Terá de se constituir numa espera, um vazio que aguarda e permanece, uma relação de pura alteridade. Para Winnicott existe uma tendência inata no desenvolvimento do ser humano para conquistar determinados estádios. O ambiente suficientemente bom permitirá que isso aconteça

Winnicott associa o furto à mentira. Se a criança soubesse das forças que a levam a roubar, ela diria que sente muita falta de ser amada. Todo o resto pode se tornar um amontoado de mentiras. Os educadores sofrem muito com isso. Terminam tachando o menino de mentiroso, dissimulado, falso e não merecedor de confiança. Geralmente o menino argumenta que não foi ele, que só estava por perto e a responsabilidade é do outro, que o objeto lhe foi dado ou inventa todo tipo de história que logo serão desmentidas. Essas histórias têm grande interesse e podem ser a porta para se chegar ao complexo de privação. Talvez crianças e adolescentes com tendências antissociais estejam tão compromissados com a verdade que inventar histórias seja uma forma de não mentir para eles próprios.

11 Winnicott, D.W. O Brincar e a Realidade, pág. 154

12 Winnicott, D.W. O Brincar e a Realidade, pág.154

13 Winnicott, D.W. O Brincar e a Realidade pág. 121

14 Winnicott, D.W. O Brincar e a Realidade pág. 125

15 Winnicott, D.W. O Brincar e a Realidade pág. 126

16 Winnicott, D.W. O Brincar e a Realidade pág. 126

## 2– DESTRUTIVIDADE:

A outra direção na tendência antissocial é representada pela destrutividade. Importante observar que a motilidade da criança, desde antes do nascimento, vai possibilitando que ela reconheça seus limites corporais e a distinção entre eu, não-eu. Aos poucos, através dos cuidados que a mãe oferece, a criança vai sentindo prazer em diversas áreas do corpo, vai percebendo o prazer dos movimentos da região da boca, sugar e morder, dos movimentos relativos à digestão do leite e à evacuação e de toda sua musculatura. As mãos já conseguem segurar o seio da mãe e agarrar objetos. Quando a criança chora, grita ou se mexe muito, existe uma tensão maior dos músculos e isso se associa aos momentos de excitação, mas também de quando ela é frustrada ou por algum motivo sente desprazer. Podemos imaginar que existam dois momentos nas experiências do bebê, um em que ele está saciado e tranquilo. E outro em que o bebê está excitado, sentido uma tensão maior. Como no início da vida do bebê o ambiente e o próprio relacionamento com ele é fragmentado e descontínuo (não existe um verdadeiro relacionamento, pois ambiente e bebê é uma coisa só), esses dois momentos não interagem, um não tem lembrança do outro. Ainda não há o dentro e o fora, os objetos “externos” surgem como que por mágica. Nesse início as pulsões são parciais, também no sentido de que são passionais, não levam em consideração umas às outras. Estamos falando do que Melanie Klein denomina posição esquizo-paranóide. Ela realça muito as fantasias da criança ligadas à destrutividade: morder, arrancar, despedaçar, devorar, expelir... Das fases oral canibalística, anal e uretral. M. Klein também faz referências aos momentos de tranquilidade e amorosidade nessa posição esquizo-paranóide. Na posição seguinte, que M. Klein chamou de posição depressiva, se tudo der o suficientemente certo, esses dois momentos irão se perceber. As duas mães, a que cuida dele quando ele está tranquilo, amoroso, e a outra de quando está excitado, são percebidas como a mesma pessoa. O bebê precisa experimentar sua agressividade, sua destrutividade em relação ao mesmo objeto pelo qual se sente cuidado e protegido. Esta ambivalência cria as duas direções da tendência antissocial. O roubo e a destrutividade. O bebê sente que sua destrutividade é algo real. Faz parte do seu existir. Sem ela algo fica faltando e não se pode viver um amor real.

Ele tem de experienciar sua destrutividade e a função do meio é permitir que ele assim o faça sem se deixar destruir por ela. Para Winnicott isso leva à proposição de que “o valor de incômodo da criança antissocial é uma característica essencial

e favorável que indica uma potencialidade de recuperação da fusão perdida dos impulsos libidinais e da motilidade”.<sup>17</sup> Isto vai munir a criança de disposição para lutar por aquilo que perdeu. Melanie Klein realçou a necessidade da agressividade no processo de conhecer o mundo: “Nessa concepção, todo ato de conhecer pressupõe certa cota de domínio sobre o objeto a ser conhecido (e talvez certo sadismo – falamos por exemplo em ‘penetrar a matéria’ a ser conhecida), e tanto o dinamismo oral quanto, principalmente, a pulsão sádico anal, com seus desdobramentos de erotismo muscular, expressam os movimento pulsionais que dão suporte ao ato de conhecer, pois será preciso segurar, manipular, abrir, dissecar o objeto a ser conhecido”.<sup>(18)</sup> A criança antissocial vai atrás das duas coisas: o objeto que perdeu e o “montante de estabilidade ambiental que suporte a tensão resultante do comportamento impulsivo” <sup>(19)</sup>. Para Winnicott são os dois componentes da vida. Ele compara uma criança tímida com uma criança ousada: a criança tímida tem uma tendência a encontrar essa agressividade não no eu, mas em outro lugar, e ficar apreensiva, na expectativa de que se volte contra ela, a partir do mundo externo. Na criança ousada a tendência é obter o alívio que faz parte da manifestação aberta de agressão e hostilidade. A criança ousada é feliz por descobrir que a hostilidade manifestada é limitada e consumível, ao passo que a criança tímida jamais atinge um termo satisfatório, e continua à espera de dificuldades <sup>(20)</sup>. A criança antissocial busca reintegrar as duas pulsões para se sentir viva e inserida no meio em que vive. As crianças que só veem seus próprios impulsos agressivos (reprimidos) na agressão de outros, acabam vivendo em um mundo excessivamente persecutório e podem se tornar agressivas contra ataques imaginados.

17 Winnicott, D.W. Privação e Delinquência, pag. 142

18 Melaine Klein – Estilo e Pensamento, pág.61

19 Winnicott, D.W. Privação e Delinquência, pag. 141

20 Winnicott, D. W. Privação e Delinquência, pag. 105

A agressividade é inerente a todos os momentos de excitação da criança. É inerente ao amor “que originariamente é uma forma de impulso, gesto, contato, relação que dá ao bebê a satisfação da autoexpressão e o alívio da tensão pulsional”.<sup>21</sup> No momento da alimentação a criança fica excitada e busca aliviar a

tensão. Como na relação sexual, existe um clímax e um orgasmo. Se a criança sacia sua fome antes que sua excitação termine, ela se sentirá insatisfeita e buscará, através da motilidade, da exercitação dos músculos, colocar um termo a sua excitação. Depois vem um momento de “digestão” onde ela sentirá que deixou um vazio onde antes havia o peito ou a mãe, já percebidos como objetos totais. Ela também estará elaborando aquilo que introduziu dentro de si (daí a importância da percepção de algo separando o interior do exterior). Coisas boas que são mantenedoras do self e coisas más que são persecutórias para o self. Ela esperará a digestão física e a elaboração psíquica se completarem. No final o bebê terá coisas boas e más para oferecer. A mãe receberá as duas coisas. As boas como dádivas. Essas serão as primeiras experiências verdadeiras de doação, sem a qual não existirá o verdadeiro receber.<sup>22</sup> A integração da clivagem dos dois ambientes, um que cuida e outro que excita, a mãe da relação dependente (anaclítica) e a mãe objeto do amor pulsional, só pode ser feita através da maternagem suficientemente boa <sup>23</sup>.

A criança antissocial foi privada de completar todo o processo que possibilitaria a internalização do meio ambiente suficientemente bom. Ela continua tendo de lidar com suas excitações, mas não tem modelo de acolhimento do seu amor pulsional. Winnicott descreve a masturbação compulsiva como a última tentativa da criança antissocial de lidar com sua excitação.

21. Winnicott, D. W. Privação e Delinquência, pág. 102

22 Winnicott, D. W. Da Pediatria à Psicanálise pag. 446

23 Winnicott, D. W. Da Pediatria à Psicanálise, pag. 444

## OUTRAS MANIFESTAÇÕES DA TENDÊNCIA ANTISSOCIAL

Muitas manifestações de tendência antissocial são comuns e passam por normais, embora não sejam e apontem para algum grau de privação. O comportamento imperioso, que é muito comum, é visto por Winnicott como o primeiro sinal de privação. Pode ser associado à onipotência infantil, mas esta é uma questão de realidade psíquica e não de comportamento.<sup>24</sup> A onipotência infantil diz respeito à ilusão da criança de ter criado o objeto, de não distinguir se o criou ou o encontrou ali. O comportamento imperioso implica algum grau de privação, o objeto demorou a reaparecer ou foi rerepresentado de uma forma distinta da que a criança estava acostumada encontrar e a criança mostra sua insatisfação.

A avidez ansiosa, associada à perda de apetite, é uma das primeiras manifestações da tendência antissocial. A mãe geralmente satisfaz as reclamações do bebê decorrente das frustrações quando elas começam a trazer muito incômodo. A mãe acaba por fazer uma espécie de terapia e curar os filhos que apresentam excessiva avidez. Pelo fato da resposta da mãe estar muito próxima da origem da manifestação antissocial do filho, sua atitude indulgente geralmente tem um bom resultado. A mãe é ao mesmo tempo a pessoa que causou a privação e a terapeuta do filho. A indulgência seria uma terapia a respeito de uma omissão do amor materno, uma segunda chance que é dada a mãe diante de um fracasso do amor primário. A avidez do bebê já é uma forma dele buscar na mãe a cura para a privação que ela provocou. Winnicott se refere a um amor maternal primário que corresponderia às necessidades da criança no início da vida. Este amor maternal privaria o bebê o menos possível, propiciando-lhe a possibilidade do sentimento de onipotência que será a base de sua criatividade. Aos poucos, percebendo o amadurecimento do filho, ela poderá frustrá-lo aos poucos, até que ele introjete uma mãe-suporte do ego e tenha idade suficiente para manter esta introjeção.

<sup>24</sup> Winnicott, D. W. Privação e Delinquência, pag. 142

A enurese noturna também é entendida como uma compulsão antissocial. A criança reivindicaria o direito de molhar o corpo da mãe.

Winnicott apresenta atitudes que têm características antissociais e que são consideradas comportamentos corriqueiros. “Num estudo mais completo do furto,

eu teria que me referir à compulsão para sair e comprar alguma coisa, que é uma manifestação comum da tendência antissocial que observamos em nossos pacientes psicanalíticos”<sup>25</sup>.

## FUSÃO E DESFUSÃO DAS PULSÕES E O CONCEITO DE PULSÃO DE MORTE:

Se, quando houver a privação “um verdadeiro desapossamento e não uma simples carência” <sup>(26)</sup> já existir alguma fusão das raízes agressivas com as raízes libidinais, a criança reclamará a mãe através de furto, agressividade e sujeira. A união das duas direções indica uma tendência para a autocura, cura da des fusão das pulsões. Ao contrário, se existir menos fusão, a criança demonstra um estado maior de dissociação.

Winnicott coloca a questão na perspectiva de que a destrutividade ou o roubo e a mentira só se tornam compulsivamente repetitivas ou com outras características associadas à pulsão de morte, na medida em que pulsões libidinais e agressivas se distanciam e se manifestam sozinhas, não se integram. Usará diferentes termos para se referir a essas duas pulsões. Usa, nos textos sobre tendência antissocial, a ideia de fusão e des fusão de pulsões. Winnicott parece desenvolver e se utilizar dos conceitos psicanalíticos estritamente na medida em que servem para a compreensão do seu trabalho clínico. Lança mão de termos como 'impulso agressivo' ou 'instinto agressivo', aparentemente com o mesmo sentido. Também 'impulso libidinal' e 'instinto amoroso'. Parece não se preocupar com a origem dos 'impulsos' ou 'pulsões'. Winnicott deixa de certa forma implícito em seus escritos a compreensão de que o ser humano já nasce com uma agressividade e uma amorosidade inatas. Essas pulsões sofrerão percalços pelo caminho, mas, se o

25 Winnicott, D. W. Privação e Delinquência, pag. 145

26 Winnicott, D. W. Privação e Delinquência, pág. 139

meio ambiente no qual o ser humano se desenvolve for suficientemente bom e deixar essas 'forças' se organizarem quase que por si mesmas, tudo caminha para um resultado positivo (saudável). “A fusão da origem dos impulsos instintivos

(agressivo e erótico) pertence a um estágio do desenvolvimento infantil no qual há muita dependência, Não há possibilidade de, qualquer que seja a criança, cujo meio é insuficientemente adaptado às necessidades da mesma em seu começo, atingir o estado de fusão da agressividade (que faz as relações de objetos parecerem reais, e faz os objetos externos ao self) e os desejos eróticos (que têm uma capacidade para satisfação libidinal)". (27)

Winnicott tem uma visão bastante particular sobre o conceito de "pulsão de morte". No capítulo "Classificação: existe uma contribuição psicanalítica à classificação psiquiátrica? Do livro O Ambiente e os Processos de Maturação, encontramos a seguinte passagem: "O conceito de pulsão de morte parece desaparecer simplesmente por não ser necessário. A agressão é vista mais como evidência de vida".(28) "Além de tudo, o colapso nervoso é teoricamente um estado de caos, mas o colapso completo deve ser uma raridade clínica, se é que é possível, como indicaria uma mudança irreversível no sentido contrário ao crescimento pessoal e no sentido da fragmentação". (29) "Há pessoas que passam a vida toda não sendo, num esforço desesperado para encontrar uma base para ser. Para as pessoas esquizóides, pernicioso seria qualquer coisa falsa, como o fato de estar vivo por condescendência".(30) O "ser" só passa a existir "se o bebê tiver suficiente experiência de onipotência para tornar-se capaz de ceder a onipotência à realidade externa ou a um princípio-Deus" (31). Da mesma forma que Winnicott compreende a tendência antissocial como a recusa em viver com a sensação de ter perdido algo essencial, o esquizóide se recusa a viver em um mundo que ele não teve a oportunidade de criar no início, quando era bebê. Para se curar ele terá de se conciliar com uma realidade a qual nunca teve a oportunidade de criar dentro dele. A única forma disto ocorrer será voltando a experienciar algo que faltou na infância. "Todo bebê precisa criar o mundo (a técnica adaptativa da mãe faz com que isso seja sentido como um fato), caso contrário o mundo não terá significado".(32) Os adolescentes que sofreram privação e passaram a ter atitudes

28 Winnicott, D. W. Ambiente e o Processo de Maturação, pág. 117

29 Winnicott, D. W. Ambiente e o Processo de Maturação, pág. 120

30 Winnicott, D. W. Privação e Delinquência, pág. 126

31 Winnicott, D. W. Privação e Delinquência, pág. 125

32 Winnicott, D. W. Privação e Delinquência, pág. 125

antissociais estão buscando um suprimento ambiental que se perdeu. É uma forma de buscar a cura e não a morte. Outras crianças, por alguma razão, não desenvolvem uma tendência antissocial diante à privação. Winnicott deixa claro que a tendência antissocial não é um diagnóstico como neurótico ou psicótico, e

que os dois podem apresentar tendências antissociais. Todo sintoma pode ser visto como tentativa de cura, de reintegração de pulsões parciais? Nesse sentido não haveria lugar para uma pulsão de morte já que a desintegração ou desfusão pulsional ocorreram por razão de percalços na interação com o meio ambiente nos primeiros anos de vida. Sempre haverá a oportunidade de retornar e refazer, assim parece pensar Winnicott. Ele pressupõe que o ser humano, com uma mãe suficientemente boa, caminha naturalmente para uma ambivalência benigna. O amor e a destrutividade dirigidos à mesma pessoa dá lugar à culpa que, por sua vez, leva o sujeito a sentir o desejo de reparar e ser produtivo para a sociedade onde vive.

No caso de duas pulsões que formam pares antitéticos, como a pulsão libidinal (amorosidade) e a pulsão destrutiva (agressividade), é a não integração, devido à privação, que provocará a tendência antissocial. Winnicott coloca uma lista desses pares de acordo com o desenvolvimento emocional da criança:

aniquilar x criar

destruir x recriar

odiar x amor reforçado

ser cruel x ser terno

sujar x limpar

danificar x reparar <sup>(33)</sup>

Considera que o “desgarramento” de uma delas faz seu par perder o significado. “A oportunidade para contribuir, de um modo ou de outro, ajuda cada um de nós a aceitar a destrutividade que é parte de nós próprios, básica, e pertencente ao amor, que é comer” <sup>(34)</sup>. “A destrutividade, mesmo compulsiva e enganadora, é mais honesta do que a construtividade quando esta não é fundada no sentimento de culpa decorrente da aceitação dos impulsos destrutivos pessoais dirigidos para o objeto que se sente como bom.” <sup>(35)</sup> O modelo de integração de pulsões da

33 Winnicott, D. W. Privação e Delinquência, pág. 161

34 Winnicott, D. W. Privação e Delinquência, pág. 161

35 Winnicott, D. W. Privação e Delinquência, pag. 162)

posição depressiva perpassa todas as experiências do ser humano. Uma pulsão só ganha sentido através de outra. “Assim, o único comer real tem como base *não* comer. É a partir de não ser criativo, de estar isolado, que a criação de objetos e

do mundo passa a ter um significado. O prazer da companhia só existe como um desenvolvimento a partir do isolamento essencial, o isolamento que reaparece quando o indivíduo morre”.<sup>(36)</sup> Para a criança, a "tendência antissocial", a voracidade, as ações impulsivas, repetitivas, não remetem à pulsão de morte propriamente, mas a uma tentativa desesperada de reencontrar um sentido para a vida, um direito à vida, a fazer parte da cultura de seu tempo, da sociedade onde vivem. A criança busca, com suas manifestações antissociais, se introduzir num mundo simbólico que, sem reencontrar aquilo de que foi privada, não poderá alcançar. Suas pulsões destrutivas falam mais de vida que de morte. Daí Winnicott nos dizer que elas indicam esperança e um prognóstico favorável. Ao contrário dos que ficaram presos na armadilha da mensagem da privação que lhes anunciou não terem direito à vida plena, não terem direito ao próprio desejo e precisam, para sobreviver, se alienarem no desejo do outro, numa vida mais quieta e sem esperança. A passagem pela posição depressiva é que vai possibilitar ao sujeito a fusão desses dois impulsos e, com isso, a capacidade de amor. Quando um impulso, ou pulsão, se perde ou se desvincula das outras, a agressividade e o impulso erótico no caso da tendência antissocial, o sujeito pode se perder em suas ações agressivas, sem conseguir alcançar a reparação. Entra-se num círculo vicioso de culpa e destrutividade de si mesmo e do objeto.

As atitudes antissociais de crianças e adolescentes são momentos de esperança que compelem o meio a cuidar deles.

#### TRATAMENTO:

Winnicott, apesar de compreender a tendência antissocial e a delinquência como um sinal de esperança e prognóstico positivo, deixa bem claro a dificuldade que é tratá-las. Salaria que é o ambiente que tem de apresentar o suporte que a criança ou o adolescente necessitam. É no momento da atitude antissocial que se abre o momento de esperança e, como vimos, esse momento é representado pelo roubo ou pela destrutividade. Como a mãe suficientemente boa não é destruída pelos impulsos agressivos do filho, a instituição ou analista dessas crianças e

36 Winnicott, D. W. Privação e Delinquência, pág

adolescentes têm de oferecer esse espaço de continuidade sem deixarem ser destruídos. Ser destruído é mudar de atitude. Não deixar ser destruída a confiança que um deposita no outro. Isso não é nada fácil. Winnicott considera que um adulto autoritário é melhor do que um adulto frágil para cuidar de crianças e adolescentes com tendência antissocial. Estes, entregues a própria destrutividade, sem um

suporte do adulto, se tornam mais tiranos e criam regras ainda mais cruéis. “O paciente, através de pulsões inconscientes, compele alguém a cuidar dele. É tarefa do terapeuta envolver-se com a pulsão inconsciente do paciente, e o trabalho é realizado pelo terapeuta em termos de administrar, tolerar e compreender” (37).

Winnicott realça a importância de não ser sentimentalista nos cuidados com essas crianças. O sentimentalismo é prejudicial na interação com as crianças, pois nega a destrutividade que vem inserida nele. Esse sentimentalismo se manifesta muito comumente em relação às produções das crianças.

## CONCLUSÃO:

Winnicott enriqueceu suas formulações sobre a tendência antissocial antes e durante a segunda guerra mundial. Participou, como psiquiatra consultor, do Plano de Evacuação Governamental numa das regiões do interior da Inglaterra que

recebia crianças. Diz que o fato de estar em guerra torna os homens mais sinceros e verdadeiros e que isso beneficiou muito os adolescentes que apresentavam tendências antissociais. Qual a razão disso? Imaginei que na guerra estão todos preocupados em sobreviver e existem dois lados distintos: os companheiros, cidadãos da mesma pátria, e os inimigos que precisam ser derrotados, destruídos. Todos estavam empenhados em um mesmo projeto e, pela situação tão anormal, até os mais jovens percebiam o esforço e a união de todos. Essa referência de um lado bom e um lado mau deve propiciar um sentimento de pertencimento muito forte. Também as diferenças sociais devem perder a importância, todos lutam a mesma guerra e a morte fica mais próxima para cada um.

Winnicott, além do trabalho de analista, militou politicamente para difundir suas ideias sobre a formação do ser humano. Acreditava que em um ambiente suficientemente bom, todos têm potencial para se tornarem pessoas criativas e produtivas para o conjunto da sociedade. Essa, talvez, seja a ideia central que quis passar para todos. Da mesma forma que Françoise Dolto na França, ele, na Inglaterra, participou de programas de rádio buscando trazer referências aos pais e responsáveis por crianças que sofreram perdas e privações. Fez palestras para magistrados e outros profissionais para defender suas formulações sobre crianças e adolescentes com tendências antissociais. Muito de seus escritos são transcrições dessas palestras. Talvez, por serem palestras, tragam algo de militância. Mas ele não abre mão de transmitir a complexidade das questões relativas ao ser humano.

Nosso país não está em guerra, nossas diferenças entre classes sociais são enormes e nossas leis são mais flexíveis para uns do que para outros. Imagino educadores dentro de salas de escolas públicas, monitores dentro de centros de acautelamento de adolescentes ou nas penitenciárias e fico assustado com tanto trabalho que há pela frente.

**BIBLIOGRAFIA:**

- 1- Winnicott, D.W. Privação e Delinquência. Martins Fontes, São Paulo, 2002.
- 2- Winnicott, D.W. O Ambiente e os Processos de Mutação. Artmed, 2008.
- 3- Winnicott, D.W. O Brincar e a Realidade. Imago Editora LTDA, 1975.
- 4- Winnicott, D.W. Da Pediatria à Psicanálise. Francisco Alves, 1978.
- 5- Klein, Melaine. Melaine Klein, Estilo e Pensamento, 2004.
- 6- Lacan, Jaques. Escritos. Editora Zahar, 1998.